

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
EDUCAÇÃO FÍSICA LICENCIATURA**

PEDRO SOBRADO JABOUR BRAZ DA SILVA

**RELAÇÃO ENTRE A COORDENAÇÃO MOTORA E AS
EXPERIÊNCIAS CORPORAIS DE ESTUDANTES DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

VITÓRIA

2022

PEDRO SOBRADO JABOUR BRAZ DA SILVA

**RELAÇÃO ENTRE A COORDENAÇÃO MOTORA E AS
EXPERIÊNCIAS CORPORAIS DE ESTUDANTES DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Zuaneti Martins

VITÓRIA

2022

RESUMO

O presente estudo buscou descrever o desempenho motor de meninos e meninas que estejam na pré-puberdade e tenham 6 e 7 anos e também dos que estão na pós-puberdade e tenham 12,13 e 14 anos através do teste KTK, verificando se o desempenho motor tem relação com as experiências esportivas. A amostra total foi de 39 participantes e a análise dos resultados foi feita utilizando a estatística descritiva. Os resultados mostraram que com o avanço da idade, a média em todas as tarefas foi maior. Os meninos obtiveram uma média maior do que as meninas em todas as idades quando analisadas as somas das quatro tarefas. Eles também tiveram maior participação do que as meninas em atividades esportivas extracurriculares, quando se analisado proporcionalmente. O grupo de meninas e meninos analisados que já praticaram atividade esportiva extracurricular tiveram uma média superior em todas as tarefas, quando comparados aos que nunca realizaram essas atividades. Comparando-se meninos que já realizaram atividade esportiva extracurricular com meninas que também já fizeram, e meninos que nunca realizaram atividade esportiva extracurricular com meninas que também nunca fizeram, eles tiveram médias superiores nas duas situações. Conclui-se que os meninos tiveram resultados melhores na coordenação motora do que as meninas, mas que é necessário analisar as influências socioculturais que esses sujeitos estão recebendo, que estão influenciando nesses resultados. Os meninos tendem a participar mais de atividades esportivas extracurriculares do que as meninas, e essas atividades se mostram favoráveis para o desenvolvimento da coordenação motora.

Palavras-chave: KTK, atividade esportiva extracurricular, gênero, coordenação motora.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização do teste KTK.....	20
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Resultado das tarefas por gênero e faixa etária	22
Tabela 2- Somatório dos quocientes motores.....	23
Tabela 3- Participou x Não Participou de atividades esportivas extracurriculares	25
Tabela 4- Fez e Não fez atividade esportiva extracurricular - Comparação entre o mesmo sexo - 6 e 7 anos.....	27
Tabela 5 - Diferença de Fez e Não fez atividade esportiva extracurricular - Comparação entre o mesmo sexo - 6 e 7 anos.....	28
Tabela 6- Fez e Não fez atividade esportiva extracurricular – Comparação dos meninos com as meninas - 6 e 7 anos	29

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	OBJETIVOS GERAIS	10
2.1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
3	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	11
3.1	EDUCAÇÃO FÍSICA E PRÁTICAS CORPORAIS PARA MENINOS E MENINAS.....	11
3.2	DESENVOLVIMENTO MOTOR.....	13
3.3	TESTE DE COORDENAÇÃO MOTORA PARA CRIANÇAS KTK - (Körperkoordination Test für Kinder)	15
4	METODOLOGIA	17
4.1	Caracterização do Estudo.....	17
4.2	População e Amostra	18
4.3	Instrumentos.....	19
4.4	Procedimentos	20
4.5	Tratamento Estatístico	21
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS	34
	ANEXOS.	39
	Anexo 1 - Questionário	39
	Anexo 2 – Ficha de Coleta de Dados	40

1 INTRODUÇÃO

O esporte é um fenômeno sociocultural de natureza educacional, e quando recebe um tratamento pedagógico adequado, pode contribuir para a formação do ser humano (MACHADO; GALATTI; PAES, 2014). Galatti (2006) afirma que através do esporte é possível proporcionar aos alunos o desenvolvimento de aspectos físicos, motores, cognitivos e afetivos.

As práticas esportivas estão atravessadas por valores como o respeito ao próximo, o trabalho em equipe, a disciplina e a autonomia, que são importantes aspectos no processo de formação humana. Para Machado, Galatti, Paes (2014), o esporte pode ser evidenciado aos alunos através do conhecimento da história, regras e alterações das modalidades esportivas, valorização de atletas e ex-atletas e noção da influência que o esporte pode exercer no modo de vida de um povo através da mídia, economia e até mesmo interesses políticos, possibilitando ao aluno traçar uma ligação com o esporte de diversas formas, seja como jogador, treinador, jornalista, praticante nas horas de lazer ou qualquer outra maneira.

Do ponto de vista motor, há uma discussão sobre o desenvolvimento das habilidades motoras, e quanto mais propícios forem os ambientes e as situações vividas pelas crianças para realizarem as práticas corporais, melhor será o seu desenvolvimento. As habilidades motoras, além de determinadas pela maturação, também podem ser influenciadas pela prática, pela motivação e pela instrução (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

Em frente a essas afirmações, vale ressaltar a importância da coordenação motora, que segundo Aburachid et al. (2015, p. 25) “é pré-requisito para a aprendizagem das técnicas esportivas e conteúdo a ser aplicado pelas metodologias de iniciação esportiva”. O teste de coordenação motora corporal para crianças – KTK (Körperkoordination Test für Kinder [KTK]) se mostra uma importante ferramenta, pois ajuda a verificar em qual nível de classificação motora os alunos se encontram.

Associar o resultado do teste de coordenação motora com as experiências corporais já vivenciadas pelos sujeitos contribui para elucidar até que ponto o resultado encontrado condiz com a motivação da criança ou do adolescente para realizar uma prática corporal, e se aquele valor encontrado no teste é fruto apenas dos aspectos biológicos e motivações pessoais, ou se o resultado está influenciado pelas questões culturais, como o incentivo e as oportunidades dadas para praticarem atividades corporais, como os esportes. Além de que, através do teste é possível

verificar os avanços e traçar objetivos para as crianças e adolescentes, ao poder compará-los a si mesmos através do acompanhamento do seu desenvolvimento. Testar não significa hierarquizar as crianças, permite pensar contextos de ensino-aprendizagem mais adequados para as possibilidades do grupo.

É indicado que o ensino e a prática de alguma modalidade esportiva ocorram utilizando a pedagogia do esporte, que é uma forma de desenvolver pessoas, num processo que envolve tanto dimensões motoras, cognitivas, psicológicas e sociais. Os autores dessa área de conhecimento demonstram uma constante atenção quanto à elaboração de métodos e estratégias de ensino que favoreçam uma aplicação apropriada do esporte dentro e fora do ambiente escolar (BARROSO; DARIDO, 2009). Devem ser utilizadas metodologias condizentes com os objetivos e anseios de determinado grupo.

Schmidt e Wrisberg (2010, apud ABURACHID et al., 2015) apontam que algumas capacidades dão suporte às ações de percepção e tomada de decisão, já outras contribuem para a organização e planejamento dos movimentos. O nível de habilidade que o indivíduo vai conseguir alcançar depende da qualidade e da quantidade das suas experiências práticas.

A participação de meninos e meninas em esportes costuma apresentar desigualdades de oportunidades. Segundo o Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil (2017, p.98), a probabilidade de uma pessoa praticar atividades físicas esportivas difere em 28,4%, a favor do grupo masculino.

Essa desigualdade, no entanto, foi naturalizada por muitos discursos. Eram discursos que relacionavam as mulheres a não terem corpos aptos para atividades esportivas, se baseando em uma ideia de natureza biológica em que os homens possuiriam características anatômicas e fisiológicas aptas para essas atividades. No esporte, são necessárias habilidades como agilidade e força, porém muitas vezes esses atributos são repetidos como características dos meninos, e para as meninas são dadas características como delicadeza e fragilidade, o que acaba por se opor ao que se é esperado para prática do esporte. (MARTINS et al., 2020).

Nos estudos se mostra cada vez mais presente a influência dos aspectos culturais nas experiências esportivas das mulheres, Goellner (2003, apud MARTINS et al., 2020, p. 6) aponta que:

São diversas as barreiras que, ao longo desse último século, dificultaram que as mulheres tomassem parte do universo esportivo. Na primeira metade do século XX, mesmo quando foram incentivadas à prática de atividade física, o corpo feminino foi regulado para que ocupasse um lugar na ordenação social e na constituição da civilização brasileira.

A atual sociedade ainda apresenta baixa oferta de experiências de práticas esportivas para as meninas. Além de influenciar na confiança e desejos delas para a realização das atividades, também gera uma relação de conflito com os meninos, ocorrendo diversas negociações, inclusões e exclusões. Nos estudos de Jaco e Altmann (2017) foram identificadas quatro formas distintas de participação nas aulas de educação física: protagonismo, figuração, exclusão e flutuação. A primeira são os alunos mais participativos e integrados nas aulas, a segunda são alunos que se colocam fisicamente dentro da aula, mas não tem a participação direta na atividade, a terceira são os alunos que se colocam fisicamente fora da atividade e por último são os alunos que não tem uma posição ainda definida. As meninas, ao contrário dos meninos, costumeiramente ocupam a posição de figurantes ou de excluídos, não por si só, mas por toda uma construção social, experiências vividas e atitudes das outras pessoas.

Diante dessas assertivas, nos interrogamos sobre como a cultura tem interferido no desenvolvimento motor de meninas e meninos. Para isso verificaremos se durante o processo escolar existe uma diferenciação de aspectos motores entre meninos e meninas, que são argumentos muito utilizados para a exclusão das meninas ou até mesmo a separação entre meninos e meninas durante as práticas esportivas.

Esse diagnóstico e análise pode contribuir para que se evite que muitos alunos deixem de praticar os esportes e se tornem adultos sedentários ou pouco engajados em atividades físicas. Será possível refletir de que forma o professor de educação física pode atuar, ampliando o diálogo/relação entre a família, docentes, órgãos responsáveis e a sociedade em geral para superar as barreiras em busca de um ambiente igualitário de oportunidades para ambos os gêneros usufruírem dos esportes, seja para a competição, para o desenvolvimento motor, para o lazer ou qualquer que seja a motivação dessa prática pelo/a participante.

2 OBJETIVOS GERAIS

Descrever o desempenho motor de meninos e meninas que estejam na pré-puberdade e tenham 6 e 7 anos e também dos que estão na pós-puberdade e tenham 12, 13 e 14 anos, verificando se o desempenho motor tem relação com suas experiências esportivas.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Descrever o nível de coordenação motora de meninos e meninas do ensino fundamental na idade pré púbere e pós púbere, através do teste de coordenação motora para crianças (KTK).
Comparar os resultados do KTK com as experiências esportivas extracurriculares.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 EDUCAÇÃO FÍSICA E PRÁTICAS CORPORAIS PARA MENINOS E MENINAS

Por muito tempo as aulas de educação física foram utilizadas nas escolas com o objetivo de disciplinar e educar o corpo. Jaco e Altmann (2017, p. 3) relatam que essa educação do corpo era baseada na dicotomia masculino e feminino, ou seja, as propostas de aulas, as atividades e a própria organização do espaço de aula eram pensados separadamente para meninos e meninas. Esse contexto em que foi se construindo a educação física compactuou para que até hoje exista uma diferenciação de comportamentos, experiências e participação dos meninos e das meninas no esporte e na educação física.

Louro (1997, apud MALVAR, 2020, p. 13) destaca o papel dos esportes na formação dos sujeitos e dá como exemplo o que acontece na nossa sociedade, na qual “gostar de futebol é considerado quase uma “obrigação” para qualquer garoto “normal” e “sadio”, diferente da forma que na maioria das vezes esse esporte costuma ser tratado para uma menina. Embora a família não determine os gostos esportivos das crianças, esse fator mostra como a cultura influencia na promoção do esporte para os meninos e para as meninas de formas distintas.

Bezerra (2009, apud FABRIS E VELOSO, 2010) aponta que em nossa cultura, onde o domínio dos homens prevalece, as mulheres acabam tendo que realizar as funções relacionadas às coisas que acontecem dentro de casa. Considerando que as mulheres usam um relativo tempo para as práticas na academia, fica difícil pensar que poderiam ainda realizar outras práticas como o esporte.

Cardoso (2016), em uma sua coluna “Dibradoras”, relatou o episódio de uma menina que foi proibida de disputar um torneio junto com os meninos. A única razão foi justamente por ser uma menina, tendo sido justificado com falas como: “ela que procure um campeonato feminino e outras garotas para jogarem futebol juntas”; “Não é possível que Laura jogue no meio dos meninos. Ela pode se machucar e atrapalhar o desenvolvimento do jogo deles”; “É muito chato jogar com meninas”. Cardoso (2016), ainda relatou uma pesquisa da marca “Always” que demonstra algumas dificuldades encontradas pelas meninas ao tentarem seguir no esporte: 71% das meninas afirmam que não cresceram com modelos femininos no esporte e 80% gostaria que houvesse mais modelos de mulheres nos esportes. Segundo a pesquisa, os principais desafios para as meninas continuarem a praticar esportes são de que a maioria das

peças acreditam que as meninas são piores em esportes do que os rapazes (36%), a falta de incentivo da participação esportiva por amigos / familiares (35%), e a falta de respeito para meninas em esportes (30%).

Os aspectos culturais não afetam somente as meninas no seu processo de desenvolvimento motor global. Sabbag (2008) aponta que podem ser notadas questões que afetam o desenvolvimento dos meninos, principalmente nas habilidades que envolvem ritmo e manifestação de emoções. A distinção do que a pessoa está apta para praticar apenas pelo gênero em que foi designada ao nascer prejudica o desenvolvimento de todas, cada qual em algum aspecto específico.

Na atual sociedade, existem desigualdades de acesso e permanência nas práticas corporais esportivas para as meninas e mulheres devido à construção cultural, deixando-as com a participação limitada, tendo menos envolvimento nas atividades da educação física, em particular os esportes. Silva e Campos (2014) abordam sobre como funciona o processo de transmissão cultural, em que as meninas e os meninos têm os corpos construídos de forma distinta. A estrutura social influencia o modo de sentir, pensar e agir, e muitas vezes os meninos e as meninas se inclinam a confirmar e reproduzir esses comportamentos - embora também possam confrontá-los.

Outros fatores contribuem para a menor participação nas atividades físicas em geral para as meninas e maior para os meninos:

Em meninas, o início do aparecimento das características sexuais secundárias, como o desenvolvimento mamário, pode contribuir para percepções de desconforto e menor autoestima, o que favorece uma menor participação em atividades físicas. Além disso, mudanças hormonais e alterações na composição corporal, como o aumento de gordura corporal característicos dessa fase, podem ser relacionados ao declínio da atividade física. Em meninos, a idade do pico de velocidade de altura precoce pode influenciar positivamente o comportamento de atividade física devido ao aumento da massa muscular e da força que tende a ocorrer depois do pico de velocidade de altura. (BACIL et al., 2015, p.115)

Devem ser ensinados os aspectos técnico-táticos, juntamente dos referenciais histórico-culturais e socioeducativos. As meninas e os meninos precisam que sejam oportunizadas boas práticas, para que consigam ir se adaptando e adquirindo experiências que os levem a se interessar pelos esportes, independente de qual for, quanto maior a ampliação de seus acervos culturais e motores, melhor será o desenvolvimento dos mesmos.

3.2 DESENVOLVIMENTO MOTOR

As habilidades motoras são pré-requisito para diversas tarefas do nosso cotidiano, incluindo as práticas esportivas. Por mais que no contexto escolar ou até mesmo na iniciação esportiva, o rendimento e o desempenho sejam fatores secundários, realizar tarefas que desenvolvam os alunos nesses aspectos só tem a agregar em seu desenvolvimento e permitir que se integrem cada vez mais em diferentes universos culturais. Elemento central nas habilidades básicas está a coordenação motora que pode ser definida como a ativação de várias partes do corpo para a produção de movimentos que apresentam relação entre si, executados numa determinada ordem, amplitude e velocidade. (PELLEGRINI et al., 2005, p. 180). Oliveira et al. (2017) apontam que muitas vezes os escolares não são estimulados ao seu aprendizado máximo e isso prejudica o desempenho deles, não só no contexto esportivo, mas em diversas esferas do cotidiano.

O desenvolvimento motor refere-se a alterações nas habilidades de movimento, as quais são influenciadas por fatores como tarefa, ambiente e biotipo, bem como por ações motoras experienciadas pelo sujeito ao longo de sua vida, sendo estas fundamentais para um desenvolvimento motor harmônico (HAYWOOD E GETCHELL, 2009 apud OLIVEIRA et al., 2017). Desse modo, é esperado que o ambiente pedagógico em que as aulas irão ocorrer seja preparado de modo a favorecer o desenvolvimento dos alunos, entendendo que cada um possui suas particularidades, mas que todos podem se desenvolver dentro do processo, através de uma boa utilização da didática, com movimentos, experimentos e práticas diversas, que sejam condizentes com os envolvidos.

A melhora nos níveis de competência motora é um processo complexo e dependente de vários fatores. Gallahue; Ozmun; Goodway (2013) explicam que dentre esses fatores a maturação é um aspecto importante. Porém existem outros fatores, como o tempo destinado à prática, o estado de motivação (intrínseca e extrínseca) e a qualidade da instrução recebida, que vão influenciar no desenvolvimento motor. Greco e Benda (1998) afirmam que o desenvolvimento da coordenação motora é muito importante durante a infância, seja na vida como um todo, na iniciação esportiva, ou como um item importante no decorrer da evolução motora do ser humano.

Para que crianças e jovens possam ser mais participativos em esportes em geral, é importante que se tornem e se sintam competentes em relação aos aspectos motores, pois essa

competência está diretamente ligada aos níveis de atividade física das pessoas. Stodden et al. (2008, apud MOREIRA, 2016, p.1) afirmam que crianças com níveis elevados de competência motora tendem a ter uma maior participação em atividades físicas, sejam elas práticas orientadas ou recreativas. Como consequência, além de se tornarem mais saudáveis, crianças mais ativas tendem a ter uma melhor qualidade de vida, com benefícios também nas esferas cognitiva e social de seu cotidiano (LUBANS et al., 2010 apud MOREIRA, 2016, p.1).

“Ao expandir e aperfeiçoar suas habilidades motoras, as crianças se tornam mais autoconfiantes em desafiar os limites motores impostos pela idade e a tendência é que participem ativamente de várias atividades, promovendo seu bem-estar psicológico” (STODDEN et al., 2008 apud MOREIRA, 2016, p.8). Quanto mais a criança se desenvolver e aprender, mais ela irá se motivar por novos desafios. Portanto, é esperado que ela vivencie variados esportes e jogos, com as regras específicas de cada modalidade, tendo a importância de sempre serem incentivadas a progredir em busca de mais experiências e mais aprendizados, para que, sempre que possível, se promovam novos desafios para motivar e ampliar o acervo motor e cognitivo dos alunos.

As habilidades motoras são fundamentais para uma maior inclusão no esporte, e o desenvolvimento delas ocorre por meio de estímulos e por meio do tempo de exposição a esses estímulos. A existência desses estímulos depende e está relacionada à cultura, ou seja, não é um processo natural. Diante disso, os procedimentos pedagógicos podem contribuir sobremaneira para desenvolvê-los, tendo na pedagogia do esporte a organização didático pedagógica para realizar esse procedimento de estimular os alunos com êxito, não sendo uma forma padronizada, e sim algo que se cria sempre que se depara com determinado público, sendo essencial uma análise diagnóstica para planejar, e formativa para realizar as adaptações necessárias, entendendo que com o tempo e com os estímulos condizentes que o aluno vai melhorando seu trato com a atividade esportiva e se inserindo culturalmente nela.

3.3 TESTE DE COORDENAÇÃO MOTORA PARA CRIANÇAS KTK - (Körperkoordination Test für Kinder)

O teste de coordenação motora para crianças KTK - (Körperkoordination Test für Kinder) é composto por 4 provas e todas elas visam a caracterização de facetas de coordenação corporal total e o domínio corporal e ainda, um quociente motor que qualifica as crianças quanto à coordenação motora (SHILLING,1974 apud BIANCHI, 2009, p. 54).

O KTK surgiu a partir da necessidade de se diagnosticar problemas motores em crianças com lesões cerebrais e/ou desvios comportamentais e da busca por um teste motor consistente, confiável e que pudesse ser aplicado para a população infantil em geral. Trata-se de um teste motor fora de um contexto esportivo específico (BARDID et al., 2015 apud MOREIRA 2016, p. 14), podendo ser utilizado em diferentes realidades.

O KTK, em comparação com outros testes (ex. MABC, BOTMP-2, TGMD-2), trata-se de uma bateria de fácil execução, com medidas objetivas e baixo custo operacional (RIBEIRO et al., 2012). Sua bateria é composta por quatro tarefas:

- 1) Equilíbrio na Trave (ET), onde as crianças têm seu equilíbrio dinâmico testado ao andarem de costas sobre traves de madeira com três diferentes espessuras; 2) Saltos Laterais (SL), tarefa em que os sujeitos saltam lateralmente sobre um pequeno sarrafo, dentro de um espaço limitado, buscando medir sua velocidade; 3) Transferência sobre Plataformas (TP), item em que os sujeitos se deslocam lateralmente sobre duas plataformas de madeira e têm avaliadas tanto sua lateralidade quanto sua estruturação espaço-temporal; e 4) Saltos Monopedais (SM), etapa onde a criança salta sobre blocos de espuma com uma das pernas e que busca medir, principalmente, a coordenação e a força dos membros inferiores (KIPHARD; SCHILLING, 1974 apud MOREIRA 2016, p. 14).

Estudos que analisaram e compararam a coordenação motora de meninos e meninas utilizando o teste KTK apontam que há diferenças significativas entre os gêneros. Silva (1989) avaliou crianças de 7 a 10 anos de idade, e os resultados mostraram uma superioridade na coordenação motora para os meninos, com exceção da idade de 8 anos, em que as meninas tiveram uma média superior, porém não foi uma diferença significativa. Carminato (2010) avaliando crianças da mesma idade, também constatou que os meninos apresentavam níveis de desempenho motor superiores as meninas, com as diferenças principais estando no salto lateral, no salto monopedal e na transposição lateral. Possivelmente os meninos têm uma resistência de força maior, o que favoreceu no resultado superior. Essa superioridade dos meninos na coordenação motora também foi encontrada nos estudos de Collet (2008) com escolares de 8 a

14 anos, por Pelozin et al. (2009) com escolares de 9 a 11 anos e por Valdivia et al. (2008) com escolares peruanos de 6 a 11 anos de idade, que atrela o fato de os meninos serem superiores às meninas nos níveis de desempenho motor devido às meninas geralmente realizarem jogos menos ativos e dedicarem menos tempo a estas práticas em comparação com os meninos.

Em relação ao equilíbrio, as meninas tiveram níveis mais elevados de desempenho nos estudos de Carminato (2010) e Valdivia et al. (2008). Esse resultado pode estar relacionado ao fato delas terem tido maior concentração do que os meninos no ato do teste e também às suas experiências com atividades de se equilibrar.

Também foi constatado por Carminato (2010), Valdivia et al. (2008), Collet et al. (2008) e Pelozin et al. (2009) que o índice de massa corporal é um fator que influencia no nível de coordenação motora. Os alunos com sobrepeso tiveram níveis mais expressivos de baixa coordenação.

As condições socioeconômicas foram consideradas algo que possui um papel importante nas tarefas, Valdivia et al. (2008) constatou que no salto lateral e monopedal as crianças com melhores condições tiveram resultados superiores, já na tarefa de equilíbrio, as crianças com menores condições tiveram resultados melhores. Pertencer a uma classe socioeconômica específica já estabelece diferenças no desempenho coordenativo.

Ademais, foi constatado por Collet et al. (2008) e por Pelozin et al. (2009) que os praticantes de esporte obtiveram índices maiores na coordenação motora, comparados aos que não praticam essas atividades.

Willimczik (1980, apud CARMINATO, 2010), num estudo com crianças entre 6 e 10 anos de idade, verificou que as meninas aos 6 anos de idade apresentavam níveis melhores de coordenação do que os meninos, porém a partir dos 8 anos de idade os meninos mostravam resultados superiores. Severino et al. (2019) analisaram o nível de coordenação motora de crianças com idade entre 5 e 6 anos, e quando os níveis de coordenação motora foram analisados separadamente por gênero, não houve uma diferença significativa entre os dois grupos. Os autores perceberam que na faixa etária escolhida na pesquisa, não pareceu haver diferenças relevantes entre os dois sexos quanto à prática de atividades motoras.

Os estudos demonstraram que fatores como sexo, faixa etária, prática esportiva extraclasse, índice de massa corporal e nível socioeconômico influenciam na coordenação motora geral. Além destas, as experiências sociais, as motivações, os gostos pessoais, a cultura de cada país ou região também fazem parte dos fatores que afetam a coordenação.

4 METODOLOGIA

Neste estudo foram realizados procedimentos metodológicos com o intuito de analisar os níveis de coordenação motora de crianças de 6 e 7 anos e de adolescentes de 12, 13 e 14 anos, que estão frequentando o ensino fundamental em uma mesma escola. Foi utilizado o teste de coordenação motora KTK e esses mesmos alunos também responderam um questionário com perguntas objetivas a respeito de seus gostos e experiência corporais. A escola autorizou a pesquisa e os testes foram desenvolvidos como atividade nas aulas de educação física, de modo que a participação neles compunha uma atividade letiva. As crianças podiam assentir ou dissentir sobre a participação nas atividades, de modo que não seria obrigatório a participação delas.

Foram analisados dois grupos distintos com o intuito de verificar se existem diferenças de desenvolvimento motor entre meninos e meninas e se a cultura está influenciando nos dados encontrados. O teste e o questionário com as crianças na pré-puberdade permitem verificar como se encontra a coordenação motora e as experiências esportivas extracurriculares de quem está iniciando a vida escolar, momento que costuma ser o primeiro contato dos sujeitos com exercícios organizados, percebendo se desde o início da escolarização já existe alguma diferenciação que as levem a exclusão quando se trata de participação nos esportes. Dos sujeitos após a puberdade, se espera que tenham tido uma gama de experiências e oportunidades de vivenciarem e realizarem práticas corporais. A pesquisa irá contribuir para perceber se essas afirmações procedem e o quanto as experiências corporais estão influenciando nos resultados do teste motor. Ao compararmos crianças pré-púberes também conseguimos perceber o papel da cultura na realização das diferenças.

4.1 Caracterização do Estudo

Caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, pois foram analisados e comparados níveis de coordenação motora. Gil (2002) designa como objetivo primordial das pesquisas descritivas, a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então o estabelecimento de relações entre variáveis. As técnicas de coleta de dados incluem a observação sistemática e a utilização de questionário.

Questionários foram entregues para serem respondidos acerca das experiências perpassadas pelos alunos. Um questionário é um conjunto de questões, feitas para gerar dados necessários para se atingir os objetivos do projeto, sendo muito importante na pesquisa científica (PARASURAMAN, 1991 apud MOYSÉS E MOORI, 2007).

4.2 População e Amostra

A população do estudo foi constituída de meninas e meninos do ensino fundamental, na faixa etária de 6 e 7 anos, na pré-puberdade, e na faixa etárias de 12, 13 e 14 anos, na pós-puberdade, atingindo uma amostra total de 39 participantes. O critério de inclusão na pesquisa foi se enquadrar na faixa etária selecionada, estar presente durante as aulas de educação física para a realização do teste KTK e para realizar a resposta de um questionário, além de demonstrar interesse na participação e realização das tarefas, sendo iniciativa dos alunos esta solicitação.

Todos eram alunos de uma escola particular localizada na cidade de Vila Velha/ES, a qual possuía boa estrutura física, com três quadras e materiais diversos disponíveis para utilização. As aulas de educação física trabalhavam majoritariamente jogos e brincadeiras para os alunos na pré-puberdade, e os esportes na pós-puberdade. Também foram utilizadas as aulas para a montagem e ensaio de coreografias de dança para os alunos de 6 e 7 anos.

A escola ofertava atividades extracurriculares oferecidas por empresas externas à escola, em forma de parceria, o qual cobravam uma mensalidade à parte. Entre elas estava o ballet, o vôlei, o futsal e o basquete. A maioria dos alunos realizavam atividades corporais extracurriculares em locais externos à escola.

As faixas etárias selecionadas justificam-se por a partir dos 6 anos as crianças estarem iniciando o ciclo do ensino fundamental e entende-se que as experiências corporais entre todos ainda são parecidas. Compreende-se também que segundo Malina e Bouchard (2002), as diferenças maturacionais entre os sexos se destacam entre os 9 e os 14 anos de idade, para o sexo feminino, e entre os 11 e os 16 anos, para o sexo masculino. Podemos deduzir, portanto, que até os 9 anos a maturação estará mais parecida entre meninos e meninas. Já aos 14 anos estão finalizando esse ciclo do fundamental, é quando já existe uma diferença de maturação entre os meninos e as meninas e quando os alunos já perpassaram por variadas vivências corporais, comparando se as experiências adquiridas durante esse processo entre os alunos, principalmente entre os meninos e as meninas, estão influenciando em suas experiências motoras.

4.3 Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa foram um questionário (Anexo 1) e um teste motor (Anexo 2). O questionário era composto por 6 perguntas objetivas, com dados de identificação (nome, data de nascimento), este possibilitou identificar superficialmente os gostos e experiências corporais dos alunos participantes do estudo.

Para a avaliação da coordenação motora foi utilizado o teste KTK, (Körperkoordinationstest für Kinder), que deve ser aplicado em indivíduos na faixa etária dos 5 aos 14 anos de idade, desenvolvido por Kiphard e Schilling (1974). Composto por uma bateria de quatro tarefas: trave de equilíbrio, saltos monopedais, saltos laterais e transposição lateral.

Quadro 1 - Caracterização do teste KTK

(continua)

Tarefa 1 – Trave de Equilíbrio

Objetivo: Verificar a estabilidade do equilíbrio em marcha para trás sobre a trave.

Material: Três traves de 3 metros de comprimento, que alcançavam 5 cm de altura, com larguras de 6 cm, 4,5 cm e 3 cm. Como superfície de apoio para saída, coloca-se a frente da trave, uma plataforma medindo 25x25x5cm.

Execução: A tarefa consiste em caminhar à retaguarda sobre as três traves, uma de cada vez, respectivamente, na de 6 cm, na de 4,5 cm e na de 3 cm, não sendo permitido tocar o solo com os pés.

Tarefa 2 – Salto Monopedal

Objetivo: Verificar a coordenação dos membros inferiores e aplicação da força.

Materiais: Doze blocos de espuma, medindo cada um 50 x 20 x 5 cm.

Execução: O aluno deve saltar os blocos de espuma com apenas uma das pernas, tentando com a esquerda e com a direita, tendo 3 tentativas em cada perna para conseguir realizar o salto. À medida que o aluno vai obtendo êxito nos saltos, os blocos são adicionados gradativamente até atingir o máximo dos doze blocos.

Tarefa 3 – Salto Lateral

Objetivo: Verificar a velocidade em saltos alternados.

Materiais: Uma plataforma de madeira medindo 60 x 50 x 0,8 cm, com um sarrafo divisório no meio de 60 x 4 x 2 cm e um cronômetro.

Execução: O executante irá saltitar de um lado para o outro, com os dois pés ao mesmo tempo, transpondo lateralmente o sarrafo, o mais rápido possível durante 15 segundos.

Tarefa 4 – Transposição Lateral

Objetivo: Verificar a lateralidade e percepção espaço-temporal.

Materiais: Duas plataformas de madeira de 25 x 25 x 5 cm e um cronômetro.

Execução: As plataformas são colocadas paralelas uma à outra e o aluno deve realizar o deslocamento subindo em uma plataforma e passando para a outra do lado, um pé de cada vez, sem tocar o chão, repetindo a mesma movimentação durante 20 segundos, buscando se deslocar o maior número de vezes possíveis dentro do tempo.

Fonte: GORLA; DUARTE; MONTAGNER, 2008, adaptado pelo autor.

4.4 Procedimentos

Para a realização da pesquisa, foi solicitada a autorização dos diretores da escola participante. Em seguida, foi estabelecido o contato com os professores responsáveis pelas turmas selecionadas para a amostra, a fim de esclarecer os objetivos, a metodologia e as estratégias adotadas na pesquisa. Foi explicado que os testes não ofereciam riscos para a saúde das participantes, pois se assemelhavam às atividades realizadas durante as aulas de educação física. Contudo, caso houvesse algum desconforto, os participantes poderiam desistir de participar do estudo em qualquer uma das etapas.

A coleta de dados aconteceu no período de novembro a dezembro de 2021, na própria escola, no horário regular das aulas de educação física.

4.5 Tratamento Estatístico

A análise dos resultados foi feita utilizando a estatística descritiva (média e desvio padrão), com o intuito de descrever e caracterizar o desempenho motor dos estudantes, de acordo com o sexo, a idade e as experiências esportivas extracurriculares.

Diferentemente de Kiphard e Schilling (1974), que elaboraram o teste KTK na Alemanha e buscaram classificar a coordenação motora geral das crianças e adolescentes, este trabalho buscou apenas descrever o nível de coordenação motora de meninos e meninas. Assim, não foram utilizadas as tabelas de quociente motor e de escore por tarefa, nem a tabela de classificação do teste KTK. Foram utilizadas as somas obtidas em cada tarefa.

Outro ponto que colaborou para a não utilização das tabelas está presente na afirmação de Collet et al. (2008), que ressaltaram o fato dos valores normativos das tabelas do teste KTK terem sido desenvolvidos apenas para a realidade da população alemã. Entende-se que de acordo com o modo de vida e as experiências corporais de cada população, meninos e meninas podem ter mais facilidade ou dificuldade em determinada tarefa, o que afetaria quais valores que devem ser colocados na tabela para classificar a coordenação motora geral. Assim, seria necessário se criar uma tabela para a realidade brasileira, mais especificamente para as crianças e adolescentes do Espírito Santo, porém como dito, não é esse o objetivo deste trabalho.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Organizamos os resultados apresentando as diferentes pontuações envolvidas nos testes nas crianças por faixa etária e por gênero. A tabela 1 apresenta a síntese do resultado das tarefas e a tabela 2 apresenta o somatório destas.

Tabela 1- Resultado das tarefas por gênero e faixa etária

Grupos		Tarefas	Meninas		Meninos		Difere nça (meni nas - menin os)
			Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média
Pré- Puberdade	6 e 7 anos	Trave de equilíbrio	29,71	18,79	29,44	11,59	0,3
		Salto monopedal	18,29	11,41	31,56	7,94	-13
		Saltos laterais	31,57	14,56	41,33	12,79	-9,8
		Transposição lateral	26,43	7,5	34,44	5,68	-8
Pós- Puberdade	12 e 13 anos	Trave de equilíbrio	37	8,14	38,17	14,25	-1,2
		Salto monopedal	50,43	14,89	64,67	13,88	-14
		Saltos laterais	56	8,81	56	5,55	0
		Transposição lateral	41,43	3,69	41,33	6,02	0,1
	14 anos	Trave de equilíbrio	57,5	12,031	54,67	11,51	2,8
	Salto monopedal	61,75	14,34	76,67	1,21	-15	
	Saltos laterais	62,5	2,38	63,17	11,48	-0,7	
	Transposição lateral	50,75	5,68	47,67	3,93	3,1	

Tabela 2- Somatório dos quocientes motores

Grupos		Total Meninas		Total Meninos		Diferença (meninas - meninos)
		Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média
Pré-Puberdade	6 e 7 anos	106	46,82	136,8	28,29	-30,78
	12 e 13 anos	184,86	28,08	200,2	30,09	-15,31
Pós-Puberdade	14 anos	232,5	14,84	242,2	23,8	-9,67

É possível observar na tabela 1, uma média maior em todas as quatro tarefas de acordo com o avanço de idade dos meninos e das meninas¹. Aburachid et al. (2015) informa que a melhoria dos resultados do teste em função do aumento da idade pode ser provocada pelo avanço da fase de crescimento e desenvolvimento. O período entre 6 e 14 anos se destaca como estágio de desenvolvimento da coordenação, principalmente entre 9 e 13 anos. (GRECO E BENDA, 1998, apud ABURACHID et al., 2015, p. 31).

A diferença dos resultados das médias das tarefas de meninas e de meninos demonstram uma vantagem de maior nível de coordenação para os meninos em quase todas as faixas etárias e tarefas, com destaque para o salto monopedal. Gorla (2008) encontrou diferenças significativas entre meninos e meninas na idade de 7 anos na tarefa de salto monopedal. Cabe destacar que aos 7 anos, as características maturacionais vinculadas ao sexo biológico ainda não se manifestaram, de modo que as diferenças apresentadas na coordenação motora entre meninos e meninas devem-se, muitas vezes, a diversidade de oportunidades, no meio escolar e familiar. (COLLET et al., 2008, p.376).

Os meninos obtiveram melhor resultado quando somadas as quatro tarefas, assim como ocorreu nos estudos de Pelozin et al. (2009). Os autores afirmaram que os meninos

¹ O objetivo deste trabalho não foi classificar o nível de coordenação motora das crianças e adolescentes. Essa média maior em todas as tarefas com o avanço da idade, diz respeito à soma das tarefas e que os mais velhos tiveram números superiores. Porém, não significa que essa média maior corresponde à uma classificação melhor da coordenação dentro dos parâmetros que a literatura considera adequado.

apresentaram os níveis mais elevados de coordenação, enquanto as meninas tiveram índices expressivos de baixa coordenação. Nos estudos de Valdivia et al. (2008), com crianças peruanas, também ocorreu uma maior concentração de meninos com alto desempenho na coordenação motora. Segundo os autores, essas diferenças podem ser explicadas pela diversidade de oportunidades possibilitadas no ambiente familiar e escolar, bem como pelo envolvimento mais efetivo do próprio grupo masculino em práticas de atividades físico-motoras. (LOPES et al., 2003; VALDIVIA et al., 2008 apud PELOZIN, 2019, p.128).

O envolvimento mais efetivo dos meninos em relação às meninas no esporte é produto de uma construção social. Ações e características presentes na nossa sociedade ajudam a compreender o motivo de as meninas terem menos oportunidades esportivas. Por exemplo, os antigos personagens de desenho costumavam fortalecer características de força, valentia e heroísmo apenas nos personagens masculinos. Martins et al. (2021) apontam que a existência de personagens femininas ativas era escassa, o que só veio começar a mudar nos últimos anos, quando emergiram mais representações que demonstram que as mulheres podem estar presentes nos diversos cenários, entre eles o esportivo. Por mais que se esteja alterando o presente, é à longo prazo que a reconstrução da sociedade vai passar a impactar no desenvolvimento da população, oportunizando desde a infância um maior incentivo à participação das mulheres e meninas, principalmente no que tange à prática esportiva.

Martins et al. (2021, p.111) notam o distanciamento das meninas no cotidiano das aulas de educação física, quando a participação nas aulas e nas práticas de professores/as é muitas vezes negociada e/ou negada. Os dados da Pesquisa PeNSE (2015) revelam que os meninos são mais ativos que as meninas. Os estudos apontam que as meninas também têm uma participação menor que a dos meninos não só nas aulas de educação física, como em todas as atividades físicas e esportivas no âmbito do lazer (FERREIRA, 2008, et al. apud MARTINS et al., 2021). Além disso, na tabela 2, é possível notar que, quanto mais velhos, menor é a diferença da média dos resultados entre as meninas e os meninos. Conforme as meninas vão avançando na idade e, por conseguinte, na escolarização, ainda que a pontuação seja inferior à dos meninos, ocorre uma aproximação. Essa aproximação pode ser explicada pelas experiências escolares que vão oportunizando possibilidades de envolvimento para meninas e meninos. Na escola, as crianças podem viver experiências que darão base para um desenvolvimento saudável durante o resto de sua vida. (GALLAHUE E OZMUN, 2005). Ademais, a autonomia que as meninas vão atingindo à medida que vão ficando mais velhas para escolher práticas corporais que desejam

realizar, pode interferir diretamente no desenvolvimento motor, diferentemente de quando se está na pré-puberdade, em que o acervo cultural está bastante ligado aos locais e práticas pré-determinados pelos pais ou responsáveis. Buscando dialogar com essa hipótese, a tabela 3 expõe os resultados nos testes para crianças que tiveram acesso a outras oportunidades de práticas esportivas extracurriculares.

Tabela 3- Participou x Não Participou de atividades esportivas extracurriculares

Grupos	Meninas					Meninos				
	N	Participou	%	Não Participou	%	Participou	%	Não Participou	%	
Pré-Puberdade de 6 e 7 anos	16	4	25	3	19	6	38	3	18,75	
Pós-Puberdade de	12 e 13 anos	13	5	38	2	15	5	38	1	7,69
	14 anos	10	3	30	1	10	60	0	0	

É possível visualizar na tabela 3 que, dentro de todas as faixas etárias analisadas, a proporção de meninos que participaram de esportes em relação às meninas foi maior. Esse pode ser um dos fatores que contribuiu para que na pré-puberdade e na pós-puberdade a média dos meninos em relação a coordenação motora seja superior à das meninas. Nota-se também que, conforme avança a idade, a proporção de meninas que participam de atividades extracurriculares aumenta e isso pode contribuir para que a diferença média entre meninos e meninas se reduza.

A maior participação de meninos em esportes em relação às meninas revela que com o passar do tempo essa proporção tende a se manter, influenciado diretamente na fase adulta. As pessoas que tiverem mais experiências motoras, eventualmente, podem atingir maior nível de proficiência em relação às habilidades motoras no decorrer da vida. Esses sujeitos que possuem

maior familiaridade com as práticas corporais, provavelmente estarão mais motivados e irão realizar mais atividades físicas (STODDEN; LANGENDORFER; ROBERTON, 2009, apud MOREIRA, 2016).

Cabe destacar que não são só as experiências esportivas que afetam o nível de coordenação motora geral. Outras experiências corporais, a forma como as atividades são realizadas, fatores genéticos, ambiente, oferta, nível socioeconômico, entre outros fatores, afetam esse resultado.

Esses dados revelam que no contexto em que o teste foi realizado, os meninos tiveram mais interesse ou mais acesso, incentivo e envolvimento com as práticas esportivas. Ou seja, a coordenação motora e a própria experiência de engajamento precisam ser investigadas mais a fundo, para compreender o motivo de em todas as faixas etárias isso estar ocorrendo, a fim de saber como o fator social e cultural está influenciando diretamente nesse aspecto. Martins et al. (2021) ressaltam que a falta de visibilidade em torno das representações femininas no esporte acaba construindo uma imagem de inexistência e de impossibilidade para a participação de meninas e mulheres nesses espaços. Além disso, cria uma aparente contradição entre características vinculadas à feminilidade e competência esportiva, que pode gerar desconforto e produzir insegurança, vergonha e um sentimento de inferioridade em relação a suas capacidades físicas e esportivas.

Faustino et al. (2004) constataram que a atividade física espontânea decresce à medida que a idade avança, diferentemente do que foi observado nesse estudo, já que, com o passar do tempo, a proporção de quem participou foi maior. No contexto estudado, isso pode ser justificado pelo acesso mais fácil às práticas corporais do público analisado, com as condições sociais permitindo a realização de esportes. Buscando compreender o impacto da participação nas atividades extracurriculares para os testes de coordenação motora, a tabela 4 e 5 apresentam os resultados das crianças de 6 e 7 anos diferenciando pela oportunidade de participação.

Tabela 4- Fez e Não fez atividade esportiva extracurricular - Comparação entre o mesmo sexo - 6 e 7 anos

		Meninas		Meninos		Total	
		Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Fez atividade esportiva extracurricular	Trave de equilíbrio	32,5	23,59	32	8,97	32,2	15,17
	Salto monopedal	19,25	15,39	34,33	7,34	28,3	13,02
	Saltos laterais	35,75	18,68	46,67	9,46	42,3	14,06
	Transposição lateral	26,25	10,34	34,83	5,78	31,4	8,6
	Coordenação motora geral	113,75	63,54	147,83	14,9	134	42,18
Não fez atividade esportiva extracurricular	Trave de equilíbrio	26	13,75	24,33	16,65	25,2	13,69
	Salto monopedal	17	5,57	26	6,93	21,5	7,48
	Saltos laterais	26	5,57	23	18,74	28,3	9,42
	Transposição lateral	26,67	2,89	33,67	6,66	30,2	5,98
	Coordenação motora geral	95,67	15,5	114,67	39,32	105	28,69

Tabela 5 - Diferença de Fez e Não fez atividade esportiva extracurricular - Comparação entre o mesmo sexo - 6 e 7 anos

		(fez x não fez) -	(fez x não fez) -	(fez x não fez) -
		Meninas	Meninos	total
		Média	Média	Média
Diferença	Trave de equilíbrio	6,5	7,67	7,03
	Salto monopedal	2,25	8,33	6,8
	Saltos laterais	9,75	23,67	13,97
	Transposição lateral	-0,42	1,16	1,23
	Coordenação motora geral	18,08	33,16	29,03

Tanto as meninas quanto os meninos que realizaram o teste KTK e já praticaram alguma escolinha esportiva tiveram uma média superior nas quatro tarefas realizadas em relação às meninas e aos meninos que nunca fizeram escolinha. A única exceção foi o teste da transposição lateral das meninas, porém com uma diferença muito baixa, deixando praticamente idêntico o desempenho. O fato dos meninos e das meninas que praticaram ou praticam escolinha de esportes terem tido uma média superior na coordenação motora geral mostra que a prática esportiva é favorável para o desenvolvimento da coordenação motora geral. O destaque dessa diferença se fez para a lateralidade. Essa superioridade também está presente nos estudos de Pelozin et al. (2009), segundo o qual os escolares que praticavam esportes extraclasse apresentaram níveis ligeiramente mais elevados de coordenação motora quando comparados aos que não praticam essas atividades. Lopes (2006) afirma que será sempre de esperar que as crianças mais ativas sejam aquelas que apresentem um maior repertório motor, desde que a qualidade e quantidade de atividade física sejam adequadas às suas idades e ao seu desenvolvimento.

Buscando compreender o impacto da participação em práticas esportivas extracurriculares para a diferença da coordenação motora entre meninos e meninas, a tabela 6 compara meninas e meninos que fizeram atividade no primeiro momento. Num segundo momento, compara meninos e meninas que não participavam de atividades esportivas

extracurriculares. Gorla et al. (2008) aponta que quando comparados os testes entre os sexos, percebe-se que na faixa etária de 6 anos não há diferenças significativas nos resultados e isto pode ser explicado em função do desenvolvimento das crianças nesta idade. Gallahue (1989, apud Gorla, 2008) informa que essa idade é o estágio de desenvolvimento fundamental, onde as crianças não estão com seus padrões motores definidos ou se encontram no estágio inicial e/ou elementar o que certamente ocasiona uma igualdade entre os sexos. Thomas (2001, apud MOREIRA, 2016, p.45) afirmou que existem poucas diferenças nas características de crescimento entre meninos e meninas antes da puberdade, mas que existem diferenças na competência motora, no envolvimento em atividades físicas e na aptidão física. Embora esses autores destacam essa não diferenciação, nossos resultados mostram que existem diferenças que podem estar relacionadas às distintas oportunidades.

Tabela 6- Fez e Não fez atividade esportiva extracurricular – Comparação dos meninos com as meninas - 6 e 7 anos

(continua)

		Meninas		Meninos		Diferença (meninas - meninos)
		Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média
Fez atividade esportiva extracurricular	Trave de equilíbrio	32,5	23,59	32	8,97	0,5
	Salto monopedal	19,25	15,39	34,33	7,34	-15,08
	Saltos laterais	35,75	18,68	46,67	9,46	-10,92
	Transposição lateral	26,25	10,34	34,83	5,78	-8,58
	Coordenação motora geral	113,7 5	63,54	147,8 3	14,9	-34,08

Tabela 6- Fez e Não fez atividade esportiva extracurricular – Comparação dos meninos com as meninas - 6 e 7 anos

(conclusão)

		Meninas		Meninos		Diferença (meninas - meninos)
		Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média
Não fez atividade esportiva extracurricular	Trave de equilíbrio	26	13,75	24,33	16,7	1,67
	Salto monopedal	17	5,57	26	6,93	-9
	Saltos laterais	26	5,57	23	18,7	3
	Transposição lateral	26,67	2,89	33,67	6,66	-7
	Coordenação motora geral	95,67	15,5	114,6 7	39,3	-19

A média da coordenação motora geral foi maior para os meninos em ambas as situações, porém as meninas que não fazem atividades esportivas extracurriculares estão mais próximas dos meninos que não fazem, do que as meninas que fazem atividade esportiva extracurricular estão dos meninos que fazem. Ao se analisar a diferença entre as meninas e os meninos que fizeram atividades esportivas extraclasse, com exceção da trave de equilíbrio, a média dos meninos foi superior, assim como ocorreu na diferença entre as meninas e os meninos que não fizeram as atividades esportivas, com maior superioridade para os meninos, com exceção da trave de equilíbrio e dos saltos laterais.

Diante dessas informações, essa diferença observada em quem não fez atividade esportiva extracurricular pode ser justificada pelas diferentes experiências corporais que esses indivíduos tiveram, mesmo que essas não tenham sido por meio da prática extraclasse de esportes. Já a maior diferença encontrada entre os praticantes de esportes pode ser devido à forma como esses esportes estão sendo passados, ou até mesmo a modalidade escolhida para os meninos e a escolhida para as meninas, que pode está influenciando no desenvolvimento motor

para que a diferença aumente quando comparado os meninos e as meninas praticantes de esportes em relação aos não praticantes.

As meninas praticantes tiveram uma média melhor na tarefa de equilíbrio do que os meninos praticantes, esse é um dado relevante a nos interrogar sobre as práticas esportivas que as meninas fazem que oportunizam mais o equilíbrio do que os meninos. Nos saltos laterais as meninas não praticantes tiveram uma média maior do que os meninos não praticantes, já as meninas praticantes tiveram uma média menor do que os meninos praticantes nessa mesma atividade, o que se leva a questionar: “Por que analisando só os não praticantes a média das meninas estava superior à dos meninos, e após as práticas a média dos meninos se tornou maior?”.

Em cada uma das médias expostas foram sujeitos diferentes analisados, e a genética e aspirações para o esporte tem influências, mas não se deve deixar de questionar quais práticas são essas realizadas por cada sexo que estão influenciando na coordenação motora geral. Pellegrini et al. (2005) aborda sobre o fato da aquisição de habilidades motoras que ocorre ao longo dos anos não ser fruto só das disposições do indivíduo para ação, pois a mesma sofre influências do contexto físico e sociocultural onde o indivíduo está inserido.

Valdivia et al. (2008), explica que geralmente os pais dão mais liberdade aos filhos homens, o que se traduz em mais oportunidades para os mesmos. Carminato (2010) analisa as diferenças entre os sexos, colocando que talvez devido ao estilo de vida mais ativo dos meninos, com brincadeiras que permitem o desenvolvimento maior de habilidades motoras que os meninos tenham apresentado nível de desempenho motor superior às meninas

Se tratando da faixa etária de 6 e 7 anos em que estão no início do ciclo escolar e tiveram contato apenas na educação infantil com um profissional de educação física, ainda chamado de dinamizador, as experiências corporais escolares esportivas ainda estão no início e as influências externas, principalmente no que se refere ao esporte tendem a vir de fora do contexto escolar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou descrever o desempenho motor de meninos e meninas, pré-púberes e pós-púberes, estudantes do ensino fundamental de uma mesma escola. Buscamos verificar se o resultado do Teste de Coordenação Corporal para Crianças (KTK) tem relação com as experiências esportivas extracurriculares e com o gênero dos participantes. Quanto mais velhos os meninos e as meninas participantes da pesquisa, maior foi a média da coordenação em todas as quatro tarefas realizadas. Ao se analisar por gênero, os meninos tiveram maior desempenho motor em quase todas as tarefas. Essa diferença encontrada entre os meninos e as meninas na pré-puberdade provavelmente se deve às diferenças de oportunidades no meio escolar e familiar vivenciados por esses meninos e meninas, levando em conta que nessa fase as características maturacionais entre os dois ainda não destoam.

Os meninos tiveram uma média da soma das quatro tarefas realizadas maior que as meninas em todas as idades analisadas, corroborando com os estudos de Valdivia et al. (2008). Esse resultado em comum não é apenas fruto de características biológicas, já que as influências socioculturais presentes na sociedade influenciam nas características da população. O fato de estudos realizados com diferentes pessoas e locais terem apresentando resultados próximos mostra que a dificuldade para ambos os gêneros terem oportunidades corporais iguais não é um problema exclusivo de determinada região.

Quando se compara a média da soma dos quocientes motores das meninas e dos meninos na pós-puberdade, a diferença se torna menor do que na pré-puberdade. Esse dado nos faz interrogar se a população estudada passa a se aproximar em níveis de coordenação motora devido às experiências corporais que possuem juntos no ensino fundamental.

Das crianças e adolescentes que participaram do teste, proporcionalmente mais meninos participaram de atividades esportivas extracurriculares do que as meninas. Nos dois gêneros, na faixa etária de 6 e 7 anos, a média da coordenação motora geral foi maior para o grupo que já participou de atividades esportivas extracurriculares. A prática de atividades esportivas extracurriculares se mostrou favorável e efetiva para um maior nível de desenvolvimento motor em crianças e adolescentes.

Comparando meninos e meninas, na faixa etária de 6 e 7 anos, foram encontradas médias superiores na coordenação motora geral a favor dos meninos em duas situações: i) quando analisados os meninos que não praticaram atividades esportivas extracurriculares em relação às meninas que também não praticaram; ii) também dos meninos que praticaram

atividades esportivas extracurriculares em relação às meninas que também praticaram. Baseado nesses dados, podemos afirmar que é preciso compreender quais são as experiências corporais que levam os meninos a terem uma média maior do que as meninas em uma faixa etária em que a diferença de maturação não poderia ser acionada como justificativa para os resultados encontrados. Já em relação aos que tiveram experiências com escolinha de esportes, é preciso entender quais são esses esportes e qual tem sido a relação dos participantes ao realizarem-nos, qual o trato da família e dos profissionais com esses praticantes para que o resultado motor dos meninos se mantenha superior.

É papel do professor ofertar atividades corporais e esportivas que contribuam no desenvolvimento motor das crianças e adolescentes, não distinguindo por gênero quem tem o direito de fazer determinada prática corporal. Deve ser incentivado e oportunizado que meninas e meninos possam desfrutar dos esportes. Além disso, é preciso ter em vista que as diferenças culturais existem, sendo a escola um espaço que poderia contribuir para minimizá-las, ao possibilitar oportunidades com base na equidade.

Os profissionais devem estar atentos para ofertar atividades para as crianças e adolescentes condizentes com as suas características e particularidades, sem pressupor que alguém tem ou não tem capacidade ou direito de realizar determinada tarefa ou qual o papel de cada um na sociedade.

O estudo realizado apresentou limitações referentes à população e a amostra, tendo em vista que a população selecionada é de um público específico, pertencente a apenas uma escola, em que as condições socioeconômicas são mais elevadas em relação às crianças e adolescentes que frequentam outras instituições escolares, fator este que influencia nas experiências corporais. Também não foram analisadas características estatura e peso.

O tamanho da amostra foi reduzido e pode ter influenciado no resultado, além do desejo de participar do teste ter sido dos próprios alunos e não por escolha dos pesquisadores. Mesmo diante dessas limitações, os resultados encontrados não divergiram de outras pesquisas, podendo se compreender que o viés não foi determinante nos resultados.

REFERÊNCIAS

ABURACHID L. M. C.; Silva S. R.; Claro J. N.; Greco P. J. **O nível de coordenação motora após um programa de treino em futsal.** Revista Brasileira de Futsal e Futebol. Vol. 7. Núm. 23. p. 25-34. 2015.

BACIL, E. D. A. et al. **Atividade física e maturação biológica: uma revisão sistemática.** Revista Paulista de Pediatria, v. 33, p. 114-121, 2015.

BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. Journal of Physical Education, v. 20, n. 2, p. 281-289, 2009.

BIANCHI, M. **Avaliação da coordenação motora em crianças do 1º ciclo do ensino básico, em função do sexo, do escalão etário e do índice de massa corporal.** 2009.

BOLZON, A. et al. **MOVIMENTO É VIDA: ATIVIDADES FÍSICAS E ESPORTIVAS PARA TODAS AS PESSOAS.** Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil. 2017.

CARDOSO, R. N. **Por que mulheres gostam e praticam ‘menos’ esportes do que os homens?.** UOL, 2016. Disponível em:
<<http://olimpiadas.uol.com.br/colunas/dibradoras/2016/07/19/por-que-mulheres-gostam-e-praticam-menos-esportes-do-que-os-homens.htm>>. Acesso em: 10 de abr.de 2022.

CARMINATO, R. A. **Desempenho motor de escolares através da bateria de teste KTK.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, 2010, P. 99.

COLLET, C.; FOLLE, A.; PELOZIN, F.; BOTTI, M.; NASCIMENTO, J. V. **Nível de coordenação motora de escolares da rede estadual da cidade de Florianópolis.** Motriz. Vol.14. Núm.4.p.373-380. 2008.

DE OLIVEIRA, V. M. et al. **Nível de motivação e coordenação motora em escolares ingressantes em um projeto de futsal**. RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol, v. 9, n. 32, p. 42-52, 2017.

FABRIS, A., VELOZO, E. **Mulheres e prática esportiva como forma de lazer**. Revista Digital – Buenos Aires - Año 15 - N° 143, 2010.

FAUSTINO, A., CERDEIRA, A. & PIMENTA, R. **Efeitos da Actividade Física Orientada Regular no Desenvolvimento Infanto- Juvenil** – Estudo no 1.º Ciclo do Ensino Básico, 4.º Ano de Escolaridade. Revista do Departamento de Educação Física e Artística, 4: 51-68, 2003

GALLAHUE, D.; OZMUN, J.; GOODWAY, J. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. Porto Alegre: AMGH. 2013.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GALATTI, L. R.: **Pedagogia do esporte**: o livro didático como mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GORLA, J. I.; DUARTE, E.; MONTAGNER, P. C.. **Avaliação da coordenação motora de escolares da área urbana do Município de Umuarama-PR Brasil**. R. bras. Ci. E Mov. 2008; 16(2): 57-65

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal**: da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

JACO, J. F.; ALTMANN, H. **Significados e expectativas de gênero: olhares sobre a participação nas aulas de educação física.** Educação em Foco, p. 155-181, 2017.

KIPHARD, E. J.; SCHILLING, V. F. **Köper-koordinations-test für kinder: KTK.** Weinheim: Beltz Test GmbH, 1974.

LOPES, L. C. O. **Atividade física, recreio escolar e desenvolvimento motor. Estudos exploratórios em crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico.** 2006. 94 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da criança) – Instituto de Estudos da criança. Universidade do Minho, Braga, 2006.

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. **Pedagogia do esporte e o referencial histórico-cultural: interlocução entre teoria e prática.** Pensar a Prática, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 414-30, 2014.

MALINA, R. M.; BOUCHARD, C. **Atividade física do atleta jovem: do crescimento à maturação.** São Paulo: Roca, 2002.

MALVAR, A. J. M. **A participação das meninas nas aulas de Educação Física: dilemas de um professor no ensino do futsal.** São Carlos, 2020.

MARTINS, M. Z.; FIGUEIREDO, M. E. E. ; DELARMELINA, G. B. ; FERREIRA, W. O. ; SILVA, B. S. ; COVRE, H. ; VENTURELLI, S. ; CAMARGO, V. ; PELISSIARI, J. ; SILVA, M. . **Futebol é delas: cartilha pedagógica.** 1. ed. Vitória: Grafitusa, 2020. v. 1. 36p

MARTINS, M. Z. et al. **UM CURRÍCULO PARA A EQUIDADE NO FUTEBOL: estratégias para fomentar a participação esportiva de meninas e mulheres.** Coleção Academia & Futebol. Vol. 2. Curitiba: Editora CRV, p.111-135, 2021

MOREIRA, J. P. A. **Estrutura fatorial e proposta de novo quociente motor para o teste de coordenação corporal para crianças (KTK): um estudo com escolares de 5 a 10 anos de idade.** Dissertação (mestrado) – Programa Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Viçosa. Viçosa: UFV, 2016. P.83.

MOYSÉS, G.L. R.; MOORI, R. G. **Coleta de dados para a pesquisa acadêmica: um estudo sobre a elaboração, a validação e a aplicação eletrônica de questionário**. Anais do 27 Encontro Nacional de Engenharia de Produção, p. 09-11, 2007.

PELLEGRINI, A.N. et al. **Desenvolvendo a coordenação motora no ensino fundamental**. São Paulo: UNESP, 2005.

PELOZIN, F.; FOLLE, A.; COLLET, C.; BOTTI, M.; NASCIMENTO, J. V. **Nível de coordenação motora de escolares de 09 a 11 anos da rede estadual de ensino da cidade de Florianópolis/SC**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte. Vol.8. Núm.2. p.123-132, 2009

PeNSE Brasil. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. Rio de Janeiro: IBGE; 2015. [site da Internet]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2022.

RIBEIRO, A.; DAVID, A.; BARBACENA, M.; RODRIGUES, M.; FRANÇA, M. **Teste de coordenação corporal para crianças (KTK): Aplicações e estudos normativos**. Motricidade, v.8, n.3, p.40-51, 2012.

SABBAG, S. **Percepção dos estereótipos de gênero na avaliação do desenvolvimento motor de meninos e meninas**. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SEVERINO, C. D. et al. **Nível de coordenação motora de crianças da Rede Municipal de Ensino de Quatis-RJ**. Cadernos UniFOA, v. 14, n. 40, p. 117-126, 2019.

SILVA, G. A. S. **Análise da Coordenação Ampla (Grossa) em Crianças de 7 a 10 anos**. [Tese de Mestrado], Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo. São Paulo 1989.

SILVA, S. R.; CAMPOS, P. A. F. **Futebol e a educação física na escola: possibilidades de uma relação educativa**. Ciência e cultura, v. 66, n. 2, p. 39-41, 2014

VALDIVIA A.B; CARTAGENA L.C; SARRIA N.E; TÁVARA I.S; SEABRA A.F.T;
SILVA R.M.G; MAIA J.A.R - **Coordinación Motora: Influencia de la edad, sexo, estatus socio-económico y niveles de adiposidad en niños peruanos.** Rev. Bras.Cineantropom. Desempenho Hum. 2008;10(1):25-34.

ANEXOS

Anexo 1 - Questionário

Nome: _____

Data de Nascimento: / / **Sexo:** _____ **Idade:** _____

Você participa das aulas de educação física?

- Sim
- Mais ou menos
- Não

Você gosta de jogos e brincadeiras?

- Sim
- Mais ou menos
- Não

Você gosta de esportes?

- Sim
- Mais ou menos
- Não

Você já realizou ou realiza alguma prática corporal fora da escola?

- Sim
- Não

Você já participou de algum treinamento em uma escolinha de esportes?

- Sim
- Não

Em média, quantos esportes você já praticou até hoje?

- Entre 0-2
- Entre 3-5
- Entre 6-8
- Mais de 8

Anexo 2 – Ficha de Coleta de Dados

Nome: _____

Data de Nascimento: / / Sexo: _____ Idade: _____

TRAVE DE EQUILÍBRIO

Trave	1	2	3	Soma
6,0 cm				
4,5 cm				
3,0 cm				

SALTO MONOPEDAL

ALT	00	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	Soma
Direita														
Esquerda														

SALTOS LATERAL

Saltar 15 segundos	1	2	Soma

TRANSPOSIÇÃO LATERAL

Deslocar 20 segundos	1	2	Soma